



Debate sobre mudanças climáticas é destaque no primeiro dia de palestras

O painel “O clima mudou. E a gestão pública?”, teve como participantes José Renato Nalini, Secretário de Mudanças Climáticas da Cidade de São Paulo; Coronel Rinaldo de Araújo Monteiro, Chefe da Casa Militar e coordenador da Defesa Civil do Estado de São Paulo; Darci Bugs Júnior, Tenente-Coronel da Brigada Militar, Diretor do Departamento de Recuperação e Gestão de Processos da Defesa Civil; Ângela Cruz Guirao, Assessora Técnica na Secretaria do Clima, Meio Ambiente e Sustentabilidade de Campinas e Antônio Duarte Nogueira Júnior, prefeito de Ribeirão Preto entre 2017 e 2024.

José Renato Nalini começa lembrando que a Secretaria de Mudanças Climáticas foi criada em 2021. “Além da Secretaria do Verde e do Ambiente, nós temos em São Paulo uma Secretaria de Mudanças Climáticas. E seria muito bom que cada município pensasse nisso. Se não puder ter uma secretaria, que pelo menos tenha um conselho para mudanças climáticas. Por quê? Os cientistas cansaram de nos avisar durante décadas e nós não prestamos muita atenção. Agora quem está com a palavra é a natureza. Ela já se manifestou ali no Rio Grande do Sul, em Petrópolis, em São Sebastião. Então nós precisamos cuidar disso com muita seriedade. O maior perigo que ronda a humanidade não é a Guerra da Ucrânia, não é o Estreito de Ormuz, é a mudança climática”, alertou.

O secretário explica que o maior problema da cidade de São Paulo é o trânsito, com 8 milhões de automóveis circulando diariamente, sendo que o transporte é responsável por 60% das emissões. O plano de ação climática de São Paulo, desenvolvido em parceria com organizações internacionais como o C40 e o ICLEI, estabelece metas ambiciosas de longo prazo, como atingir emissões zero até 2050 e reduzir em 20% até 2030. A iniciativa mobiliza secretarias municipais e busca não apenas mitigar impactos, mas ampliar a resiliência e a adaptação da cidade diante de riscos crescentes como secas, ondas de calor e inundações, sendo o calor um fator já associado ao aumento de mortes por problemas cardiovasculares, AVC, síncope e outros males. O plano também alerta para novos desafios, como a possível ocorrência de ciclones, exigindo mudanças estruturais urbanas, além de destacar a importância da conscientização social, especialmente entre as novas gerações, para viabilizar transformações de comportamento.

Ainda segundo Nalini, é necessário priorizar eventos climáticos no orçamento público. Uma das preocupações da secretaria é a ampliação de áreas verdes, com ações como plantio de árvores, jardins de chuva e implantação de bosques urbanos. Ações para o transporte incluem aumento de ciclovias, ônibus elétricos e caminhões de coleta movidos a biometano. Em relação aos resíduos, a cidade possui 100% de vias com coleta seletiva, além de aumento de ecopontos e instalação de bueiros ecológicos. Na área de energia estacionária, São Paulo tem mais de 99% de sua

iluminação pública com LED.

O Coronel Rinaldo de Araújo Monteiro contou que a Defesa Civil do Estado de São Paulo tem intensificado sua atuação diante do avanço das mudanças climáticas e da possibilidade de eventos extremos, como enchentes, incêndios florestais e desastres de grande escala. “As mudanças climáticas estão aí. Os eventos extremos estão cada vez mais presentes no nosso dia a dia. E nós temos que nos adaptar”, afirmou. Ele explicou que nos últimos anos, o governo estadual ampliou investimentos para fortalecer o sistema, com foco na capacitação de agentes, modernização tecnológica e estruturação das defesas civis municipais. Entre as ações, destacam-se a distribuição de equipamentos e viaturas a todos os municípios, treinamentos regionais (inclusive com produtores rurais), execução de obras preventivas e de recuperação, além da incorporação de ferramentas como inteligência artificial e monitoramento por satélite para gestão de riscos e resposta rápida a eventos como incêndios florestais, que afetaram São Paulo em grande escala nos últimos tempos e têm sido uma das maiores áreas de atuação para a Defesa Civil. “Estamos evoluindo e investindo muito em tecnologia, em equipamentos e em inovação, para levar mais proteção e segurança à nossa população”, finalizou.

Darci Bugs Júnior explicou na sua apresentação que a Defesa Civil do Rio Grande do Sul passou por uma profunda reestruturação após os eventos extremos de 2023 e 2024, que evidenciaram fragilidades como a ausência de legislação atualizada, baixa capacidade operacional e estrutura limitada. Desde então, o estado ampliou significativamente investimentos, criou uma política estadual e um sistema integrado de gestão, além de fortalecer a atuação com a implantação de centros regionais, ampliação da frota e contratação de equipes técnicas especializadas. “Nós não tínhamos em 2023. Agora, desde 2024, foi criado o departamento exclusivo de gestão de desastre que hoje conta com 30 servidores, entre geólogos, hidrólogos e mais os militares”, explicou.

Houve também avanço na prevenção, com mapeamento de áreas de risco, instalação de estações meteorológicas, uso de radares e monitoramento contínuo. A estratégia inclui ainda capacitação, integração com universidades e uso de tecnologia para alertas, inclusive acessíveis a daltônicos.

Ângela Cruz Guirao falou de ações desenvolvidas no município de Campinas, que vem estruturando sua agenda climática desde 2013, com adesão a iniciativas internacionais e a construção de instrumentos como o inventário regional de emissões e a política municipal de enfrentamento às mudanças climáticas, consolidada em 2020. Em 2024, elaborou seu Plano de Ação Climática de forma colaborativa, envolvendo diversas secretarias, instituições de pesquisa e a sociedade civil, com foco na mitigação de emissões e no aumento da resiliência urbana. As ações executadas na cidade são divididas em cinco eixos: energia renovável; saneamento básico; mobilidade; desenvolvimento urbano e rural; educação, resiliência e integração climática.

Entre as iniciativas em execução estão construções de reservatórios para o controle de enchente nas áreas da região central da cidade, uso de soluções baseadas na natureza (como parques lineares), ampliação da iluminação em LED, ações para controle de incêndios e monitoramento meteorológico com radares e drones. “O

município tem avançado na implementação de micro florestas, então a gente teve mais de 36 mil mudas plantadas desde o ano passado em áreas espalhadas por toda a cidade”, contou. Há ainda projetos pilotos de implementação de jardim de chuva e um programa de pagamento por serviços ambientais para propriedades rurais. Outras ações mencionadas incluem grupo de emergência climática no Centro de Desastres, capacitação, elaboração de material educativo e o portal do Clima.

“A humanidade desenvolveu conhecimento para aprimorar sua qualidade de vida com uso de muitos de nossos recursos naturais. Isso gerou um desarranjo”, afirmou Antônio Duarte Nogueira Júnior. Em Ribeirão Preto houve ampliação de ciclovias, o projeto Ribeirão -3°C, arborização, implantação de energia solar em escolas, programa de compostagem em escolas, o projeto Prefeitura sem Papel, o que gerou economia de insumos. Além disso, o município investiu em reuso de água, implantação de nove ecopontos, cada um com um quilômetro de raio e substituíram a frota do transporte público, além de investir em saneamento.

O 9º CONEXIDADES é uma realização da Multiplicidades, tendo Campos do Jordão como cidade anfitriã. A curadoria do evento é da UVESP, Conexão Municipalista e Projeto Cidade. O evento conta com o patrocínio da Monte Carlo Multipropriedade, Sebrae, Valid, Itaú, Grupo Terracom, Sabesp e Prodesp; copatrocínio da Caixa Econômica Federal e do Governo do Brasil; apoio educacional do SENAC, da FDE e da Secretaria da Educação do Estado; além do apoio da CDHU, Detran-SP, Metrô de São Paulo, Governo do Estado de São Paulo, Banco do Brasil e Governo do Brasil.

Informações para a imprensa:

Assimptur

Eliria Buso - imprensa@assimptur.com.br

Claudia Costa - jornalismo@assimptur.com.br